

Gepp e Maia

Gepp
e Maia

com sua candidatura à liderança do PDS na Câmara — Amaral Neto atacou a campanha oposicionista prometida pelo governador Leonel Brizola e pelo presidente do PT, Luís Inácio Lula da Silva. Amaral acha que essa campanha pode resultar na desestabilização das instituições. “Só os insensatos não percebem o risco que estamos correndo, quando falamos em convocar eleição direta para presidente em um ano.”

Amaral Neto desautorizou ainda as manifestações de Calim Eid e Heitor de Aquino a propósito da eleição da nova Mesa da Câmara: “Num assunto desses, só influi quem tem mandato e vai votar. Este é um clube fechado. Quem não é sócio, não vota”. E disse mais: “ou há unidade ou não há partido. O passado acabou. Precisamos nos convencer disso”.

Para o ministro César Cals, das Minas e Energia, que vem articulando sua eleição como próximo presidente do PDS, a nova posição do partido está clara: “O novo governo precisará de uma oposição forte” — disse ele ontem, em Curitiba, a 13ª etapa de sua peregrinação. Cals acha que o PDS ainda tem muitas chances e garante que é o partido mais forte do Brasil — uma opinião que ele justifica pela existência de mais de quatro mil diretórios municipais. “Eu acredito que o PDS vai retornar ao poder em 1986, quando o povo saberá que o que aconteceu foi apenas uma crise.”

O líder do governo, deputado Nelson Marchezan, também tem sua definição de oposição. Para ele, ela deve ser moderada: “Assim, ela é mais eficaz e mais acreditada pela opinião pública que a oposição sistemática”. A oposição, segundo o líder, deve desenvolver esforços para conquistar o favor da opinião pública — “daí, não pode ser nem radical nem apaixonada, sob pena de perder o crédito. Por isso, recomendo que nossa oposição ao governo Tancredo Neves seja moderada”.

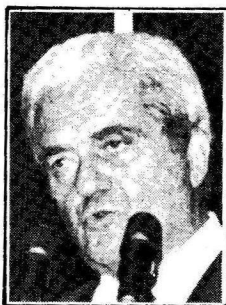
Pelas dificuldades pelas quais passa o PDS mineiro, porém, com a maioria de seus deputados e prefeitos perdidos para a Frente Liberal, o otimismo de Cals pode parecer exagerado. O Diretório Regional foi convocado para refazer sua comissão executiva, mas até ontem não havia nenhum candidato. E o deputado Ciro Maciel, que assumiu o espólio do PDS, também não sabe estimar o número exato dos que permanecem na agremiação.

PDS aceite os três cargos que lhe serão oferecidos — e que ainda terão de ser definidos em função do acerto a ser feito entre PMDB e PFL, mas está claro que se não houver acordo, a Aliança levará sua chapa em plenário para ficar com todos os cargos.

Um alerta semelhante foi feito em Porto Alegre, pelo líder do Partido da Frente Liberal, Carlos Chiarelli, ao afirmar que se o PDS insistir, através de dirigentes como o líder Aloysio Chaves, em indicar o novo presidente do Senado, as negociações com o PMDB e o PFL poderão chegar a um impasse, que resultará na exclusão do PDS de qualquer cargo da Mesa.

Cauteloso, o líder do PDS na Câmara, Nelson Marchezan, disse que “se não houver entendimento, cabe ao presidente do partido decidir se a bancada deve fazer pressão”. Marchezan insistiu, porém, em que “o poder de retaliação da bancada do PDS no Senado é muito grande. Por isso, nos interessa o entendimento”, observou.

Um PDS sem grupos. Sugestão do (ex) malufista.



Diante dos últimos acontecimentos políticos e com a tentativa de acomodação dos partidos, o deputado Amaral Neto (foto), até bem pouco tempo um dos malufistas mais ortodoxos, resolveu adotar uma nova postura — e decretou, ontem: “Não podem mais existir grupos dentro do PDS”. Nem mesmo Paulo Maluf, que apoiou como candidato à presidência até o fim, Amaral Neto perdoa: “Se ele vai ser líder ou não, dependerá de seu comportamento. Hoje, ele é um deputado igual a nós”.

Quanto à possibilidade de o presidente eleito Tancredo Neves oferecer ao PDS participação no governo, através de ministérios, Amaral Neto contesta que isso possa refletir na conduta do partido, como sugere o atual líder, deputado Nelson Marchezan. “Tancredo vai dar dois ministérios a um grupo do PDS e não ao partido. O PDS não vai indicar ministros”.

Mas ele se conforma com isso. “Que se pode fazer? Expulsar os caras?”, perguntou ele, em conversa com o presidente da Câmara, Flávio Marçílio. E ponderou: “Está todo mundo esquecido de que estamos voltando a fazer política como fazíamos até 1964. Acabou o regime militar”.

De fato, o próprio presidente Figueiredo discorreu sobre tal fato ao recomendar ontem que o PDS busque a unidade, e faça uma oposição tranqüila ao futuro governo, pois considera seu sucessor como “um homem de bem”, e com condições plenas de concluir o processo de abertura.

Preocupado com a unidade do PDS — e